



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E ROMANCES SENTIMENTAIS: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE COMO A LEITURA DE ROMANCES SENTIMENTAIS ORIENTA A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO PARA SUAS LEITORAS

Autora: Cíntia Raquel da Silva Castro; Co-autora: Rute Oliveira de Aquino.

Universidade Estadual do Ceará – UECE

(raquelcastroas@gmail.com)

RESUMO: Considerando os vários âmbitos sociais que direcionam a construção de representações de gênero, moldando os papéis referentes a “ser mulher” e “ser homem”, o presente trabalho, que refere-se a uma pesquisa de mestrado em andamento, tem como objetivo central investigar como as representações sobre “amor”, “casamento” e “paixão”, presentes intensamente nos romances sentimentais, são construídas por suas leitoras. Considerando a leitura como uma ação que permite a estruturação de imaginários próprios em seus leitores, a pesquisa terá como campo um grupo de mulheres, leitoras de romances sentimentais, localizado na cidade de Fortaleza. A pesquisa tem como caráter a abordagem qualitativa, fazendo uso da entrevista intensiva, para que seja possível apreender sobre o modo com que as leitoras incorporam as representações de gênero presentes nos romances sentimentais e em que medida tal incorporação se aproxima ou se afasta na realidade. Para o melhor entendimento sobre as construções referidas na literatura romântica, será realizada uma interpretação histórica centrada na formulação das concepções e relações entre “amor”, “casamento” e “paixão” e como essas representações se revelam em diferentes épocas nas relações de gênero.

Palavras-chave: Representações de gênero, Romances sentimentais, Leitura.



INTRODUÇÃO

A construção do imaginário sobre o “ser feminino” e o “ser masculino”, perpassa inúmeros âmbitos e se modifica com o decorrer da história. Entre os campos que contribuem para a estruturação e propagação das representações de gênero, se encontra a literatura dos romances sentimentais que, com suas características próprias, delimitam em seus enredos os papéis sociais de homens e mulheres.

Essas representações¹ demonstram valores morais e estéticos que estão enxertados em nossa cultura e naturalizados em nosso cotidiano, criando imagens acerca das características que são referentes à figura da mulher e do homem. A mulher, desse modo, é associada ao retrato da sensibilidade, das emoções, da subjetividade. Por sua vez, ao homem cabe o papel da racionalidade, da ambição e da objetividade.

Centrando-nos na literatura, nos aproximaremos dos romances sentimentais, de forma a considerar que esses nos oferecem uma espécie de manuais sobre as representações de gênero. Tendo em mente que a leitura fornece alimento para o imaginário do leitor (CUNHA, 1998), os

¹ Como define Arruda (2002 p.128), entende-se que as representações sociais refletem “sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos”.

romances românticos divulgam valores e modos de conduta que, apreendidos por via da leitura, permitem determinadas construções sobre a sensibilidade feminina. Porém, podem gerar questões e discordâncias sobre a realidade expressa nas histórias.

Inseridos no campo da chamada literatura de massa, os romances sentimentais são os mais consumidos no gênero de ficção, sendo responsáveis por mais da metade de toda a produção de ficção na América do Norte (ANDRADE, 2008). No Brasil, o gênero começa a se expandir, por meio dos livros traduzidos no século XVIII e se amplia no século XX com a criação de editoras nacionais. Durante a ditadura militar, os romances ganham as bancas de revistas, atingindo assim as camadas mais populares.

Os livros sentimentais podem demarcar, para suas leitoras, a oportunidade de distanciamento do “mundo real”, mas também são construtores de representações e identidades que direcionam formas de agir e pensar o ser feminino e masculino. No caso específico dos romances românticos, os temas centrais, como casamento, amor e paixão, delimitam a cultura feminina e masculina, e podem causar em seu público uma variação de sensações, distanciamentos e identificações.

Destarte, a presente pesquisa tem como objetivos: compreender como as



representações sobre “amor”, “casamento” e “paixão”, presentes intensamente nos romances sentimentais, são construídas por suas leitoras; pesquisar acerca do modo com que as leitoras incorporam as representações de gênero presentes nos romances sentimentais e em que medida tal incorporação se aproxima ou se afasta na realidade; realizar uma interpretação histórica sobre como as concepções de “amor”, “casamento” e “paixão” são estruturadas e de que forma são compreendidas nas divisões de gênero, bem como observar as formas de sociabilidade geradas a partir da interação das leitoras com o grupo de leitura.

METODOLOGIA

A metodologia² utilizada para a concretização da presente pesquisa terá como base a abordagem qualitativa. Utilizando o conceito de Minayo (2002) esse tipo de pesquisa permite apreender questões particulares que não podem ser quantificadas, trabalhando com significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Assim, será possível perceber as singularidades dos

² Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia (DEMO, 1990, p.19).

sujeitos pesquisados, bem como sua construção coletiva.

A primeira etapa da realização desse trabalho será demarcada pela pesquisa bibliográfica. Fazendo uso do conceito de Lima (2007) a pesquisa bibliográfica “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (p.50). Esse primeiro passo embasa todo o decorrer da pesquisa, pois a partir do arcabouço teórico conseguimos compreender melhor a realidade do objeto estudado. Partindo de um “conhecimento acumulado” é que se pode chegar a melhor compreensão da realidade (LIMA, 2007). Esse início demarca a fase exploratória da pesquisa³.

O campo pesquisado situa-se em um grupo de leitoras, que se reúnem mensalmente na Livraria Saraiva, localizada no Shopping Iguatemi em Fortaleza, e que têm como gênero literário preferido os romances sentimentais. De início, foi realizada uma ambientação no referido grupo, para que seja possível identificar os tipos de leitoras e suas interações com as obras.

³ Segundo Minayo (2002, p.55) a fase exploratória da pesquisa se refere ao “tempo dedicado a interrogar-nos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo. Seu foco principal é a construção do projeto de investigação”.



A fase seguinte será demarcada pela escolha de algumas mulheres participantes do grupo para a realização de entrevistas. Especificamente será utilizado o método da entrevista intensiva⁴, que possibilitará apreender como a sociabilidade iniciada nesse meio se propaga para outros espaços e de que modo a leitura e discussão dos romances sentimentais direcionam suas representações sobre ser mulher.

Finalmente, a última etapa é caracterizada pela análise de conteúdo⁵, onde será possível à apreensão dos dados coletados, sendo garantida a confidencialidade em relação aos sujeitos participantes da pesquisa.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Adentrando no campo dos romances sentimentais e das representações de gênero direcionadas por eles, evidencia-se a importância da compreensão sobre os temas

⁴ A natureza detalhada de uma entrevista intensiva promove o esclarecimento da interpretação de cada participante sobre a sua própria experiência. O entrevistador procura compreender o tópico, e o participante tem as experiências relevantes para esclarecê-lo. Dessa forma, as perguntas do entrevistador pedem que o participante descreva e reflita sobre as suas experiências de maneiras que raramente ocorrem na vida cotidiana (CHARMAZ, 2009, p.46).

⁵ Segundo Mozzato (2011) a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (p. 734).

centrais que permeiam essa literatura - amor, paixão e casamento – e suas construções nas relações de gênero.

O estudo da construção dos afetos permite-nos entender como as representações dos sentimentos se colocam hodiernamente e de que modo elas são entendidas nas relações de gênero. Para melhor compreender esse conceito, Illouz (2011, p.10) destaca que:

O afeto é uma entidade psicológica, sem dúvida, mas é também, e talvez até mais, uma entidade cultural e social: através dos afetos nós pomos em práticas definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas, mas sempre definidas em termos culturais e sociais [...]. Os afetos são aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação, não por não conterem cultura e sociedade suficientes, mas por conterem em excesso delas.

Entendemos assim, que as ações afetivas, sendo interiores e não reflexivas, são estruturadas de acordo com a cultura, passando por um processo de inoculação nos indivíduos, sendo reproduzidos sem que seja necessário um direcionamento pré-reflexivo. Desse modo, a análise de como esses aspectos foram vivenciados em diferentes períodos da história, mostra-se importante para um entendimento aprofundado em relação a afetividade.

O amor, o casamento e a paixão se entrelaçam nas narrativas sociais cotidianas e são pensados de formas divergentes, ou associadas como inseparáveis. Basta vislumbrar algumas explicações colocadas



sobre a temática para entender que o casamento, por exemplo, em certos períodos, não era vinculado ao amor. Araújo (2002) revela que a união entre amor, sexo e casamento demonstra uma construção da modernidade, que contribuiu para uma nova perspectiva sobre as idealizações referentes a sexualidade, sendo consolidada somente a partir do século XVIII.

Desse modo, o casamento não selava uma união amorosa, mas uma aliança demarcada pela troca de bens, como também de mulheres. A Igreja católica, por sua vez, conhecida pela influência sobre o casamento, só obteve esse monopólio com a queda do império romano, a partir do século V, sendo somente no século XIII instituído como sacramento do matrimônio, tornando-se monogâmico e indissolúvel. Além disso, como destaca Araújo (2002, p.3),

[...] a Igreja vai instituir o casamento como o único espaço legítimo para uso da sexualidade, com o objetivo exclusivo da procriação. Até aí foi um longo caminho desde o início do cristianismo, quando parcelas da Igreja se dividiam entre aceitar e condenar o casamento. Marcados pelo ascetismo, os ideais cristãos pregavam a virgindade, a castidade e a continência. A renúncia aos prazeres da carne era necessária para ganhar o reino dos céus. Entre as fontes básicas dessa pregação, diz Vainfas, encontra-se a exortação do apóstolo Paulo aos coríntios, recomendando aos homens que permanecessem celibatários, às viúvas que se mantivessem castas e às solteiras que ficassem virgens.

O casamento tornou-se uma possibilidade de controle da sexualidade, motivada pela moral cristã, pregada pela

Igreja Católica. O sacramento deveria ser concretizado como forma de evitar a sexualidade desregrada e o adultério, tendo como fim único a procriação. Priore (2015) salienta algumas citações de manuais da Igreja Católica, onde se demonstra desprezo em relação aos “afetos excessivos”. As “paixões malignas”, nas palavras de frei Antônio de Pádua, são consideradas perturbadoras do descanso e o amor conjugal deveria ser separado do amor-paixão. Mais ainda, na idade média, São Jerônimo proferia que “Adúltero é também o marido muito ardente por sua mulher”. Isso porque o amor deveria ser domesticado, o amor-paixão era destinado às relações extraconjugais, pois, na perspectiva da Igreja Católica, as paixões não eram oriundas da vontade de Deus.

Mesmo antes da expansão do cristianismo, a ideologia moral dos estoicos já acreditava que a principal função do casamento era a procriação. Araújo (2002) reforça que, para os estoicos, o homem deveria amar sua mulher com discernimento, e não com paixão. À vista disso, o homem não deveria tratar sua esposa como amante, de forma que para o casamento era reservado o “amor domesticado”, e o “amor paixão” se revelava nas relações extraconjugais. A moral cristã reproduz o princípio estoico e amplia a questão do controle dos prazeres.



Priore (2015, p. 31) ressalta ainda que “o direito sexual constituía-se em um direito exclusivo do homem, cabendo as esposas, a submissão e a virtude”. Assim, os manuais de guias para os casados, oferecidos pela Igreja Católica, reproduziam que o atributo mais importante na vida da mulher seria amar o marido, por conseguinte, o marido deveria amar sua honra, portando a sua mulher. Isso justifica a legislação brasileira, ainda na época do Brasil Colonial, que jugava a traição da mulher como pecado, perante a Igreja, e crime, perante o Estado. Logo, para a mulher que matava o marido pela traição, não se tinha a menor possibilidade de absolvição. Porém, o homem que matava a sua esposa adúltera tinha o amparo da lei, pois estava, com esse ato, defendendo sua honra.

Na Europa pré-moderna, se relata os casamentos eram construídos considerando a situação econômica, e não a atração sexual. Como exemplo se observa a relação dos camponeses, onde até mesmo as carícias eram raras entre casais casados, em contraposição, era comum a existência de relações extraconjugais (GIDDENS, 1993). Assim, a sexualidade domesticada do casamento, em contraposição as paixões e ao erotismo das relações extraconjugais eram bastante comuns nesse período, até mesmo entre as aristocracias, conhecida na época por uma certa “liberação” na sexualidade feminina.

Para elucidar o início do amor romântico, Giddens (1993, p.50) destaca

O amor romântico, que começou a marcar a sua presença a partir do final do século XVIII, utilizou tais ideais e incorporou elementos do *amour passion*, embora tenha se tornado distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexibilidade do sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos. O início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém descoberta.

O que se gera de novo nessa forma de afetividade, como diferença entre o amor-paixão, é a valorização da liberdade e da autorrealização. Desse modo, no amor romântico, o amor sublime está acima da atração sexual. Araújo (2002) dispõe que o amor romântico surge de início nos séculos XI e XII, na Europa meridional, através do chamado “amor cortês”, no sul da França. Essa forma de amor não se direcionava ao casamento, pois estava ligado aos amores distantes e impossíveis, das mulheres casadas ou comprometidas. Com a evolução gradual da ideia do casamento, as concepções do amor romântico foram se tornando base imprescindível para a realização do matrimônio.

Giddens (1993), fazendo referência ao amor e as relações de gênero, argumenta que os romances foram colocados por alguns como meios que os homens encontravam para



“iludir” as mulheres. Porém, o autor ilustra que as novelas e histórias românticas, em grande parte escritas por mulheres, tomou conta das livrarias no século XIX, prosseguindo até os dias atuais. À vista disso, o amor romântico deve ser compreendido considerando a história das mulheres, especificamente a partir do final do século XVIII. A separação entre lar e ambiente público e a chamada “invenção da maternidade” podem ser poderosas fontes para a compreensão dessa proposta. O centro da família passa, desse modo, da autoridade patriarcal, para a figura materna de anjo do lar (Santos, 2004), a partir do surgimento de famílias menores, onde se reconhece a vulnerabilidade das crianças que precisam passar pelo período de socialização primária, ficando aos cuidados da mãe.

A imagem de “esposa-mãe” alimentou o imaginário na construção do ideal de amor romântico. O amor romântico era, assim, visto como centralmente feminino. O ideal desse amor estava diretamente ligado a subordinação feminina e seu vínculo com o lar, o que, para Giddens, contribuiu para “expressão do poder das mulheres”, em meio a contradição e a luta contra as privações. Essa dicotomia entre as relações de gênero relacionadas ao amor é descrita por Illouz (2011), ao destacar que os arranjos sociais constituem arranjos afetivos.

É banal dizer que a divisão e a distinção mais fundamentais que organizam quase todas as sociedades do mundo – a divisão e a distinção que existem entre homens e mulheres – baseiam-se nas culturas afetivas (e se reproduzem através delas). Ser um homem de caráter exige que o indivíduo demonstre coragem, racionalidade fria e agressividade disciplinada. A feminilidade, por outro lado, requer bondade, compaixão e otimismo. A hierarquia social produzida pelas divisões de gênero contém divisões afetivas implícitas, sem as quais homens e mulheres não reproduziriam seus papéis e identidades (ILLOUZ, 2011, p.10).

Tais arranjos afetivos e imagens que delimitam de forma específicas os papéis de gênero ainda se perpetuam na modernidade em muitos aspectos. A chamada “feminilização do amor respeitável” (GIDDENS, 1993) demarca a posição da mulher perante a relação matrimonial, que permite ao homem a plena separação entre o amor destinado a esposa – amor romântico – e o amor vivido na sexualidade com a amante – *amour passion*. Esse padrão não era permitido a vivência das mulheres, que tinham sua imagem vinculada ao lar e ao cuidado com a família, sem que sobrasse espaço para a vivência de uma sexualidade destinada aos homens e justificada por eles.

Para melhor retratar os papéis sociais de gênero no âmbito dos sentimentos, nos remeteremos a literatura, especificamente os romances sentimentais. Entendendo que o romantismo foi responsável por inúmeras mudanças dentro da relação conjugal, bem como em outros espaços sociais, podemos avistar também que, segundo Giddens (1993),



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o romantismo descrito na literatura do século XIX, recebeu inúmeras críticas quanto ao seu caráter fantasioso e de “fuga” da realidade. Porém, o autor argumenta que

O consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. O indivíduo buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista desde ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a autoidentidade frustrada na vida social real. Mas a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa (GIDDENS, 1993, p.55).

Dessa maneira, elementos da literatura romântica se cruzam em variações de fuga da realidade e busca de um novo real. Sabemos que desde a origem do amor romantizado, o principal objetivo nessa relação é a busca de um outro que lhe complete, não sendo ligado a luxúria do amor paixão, já que o amado é um ser idealizado (GIDDENS, 1993). Percebemos nesses elementos que, mesmo na literatura moderna, o cerne do amor romântico centra-se na mulher e na sua busca pelo amor. A protagonista é responsável pela “suavização” do homem (tendo todas as suas características de “ser masculinizado”), tornando possível o que se considera a principal proposta da trama: o sonhado final feliz.

Adentrando no âmbito dos romances sentimentais, considerando o ato de ler como um “processo de socialização responsável pela aquisição de representação” de “hábitos e valores capazes de engendrar nas leitoras um

imaginário próprio” (CUNHA, 1998) podemos investigar que as representações descritas nos romances cor de rosa, tendo a mulher como figura central, por meio da protagonista, são estruturadas e estruturantes. Estruturadas para um tipo de figura feminina ideal e estruturante, pois o ato de ler cria em suas leitoras perspectivas acerca de temas centrais nesses romances.

Ainda segundo Cunha (1998), no Brasil, entre os anos de 1940 e 1960 uma coleção de romances se tornou muito popular, principalmente entre as mulheres jovens. Em sua maioria, esses romances eram criados na França, sendo traduzidos e editados pela Companhia Editorial Nacional em São Paulo com o título de Coleção Biblioteca das Moças. Nesse período, um casal de irmãos que utilizavam o pseudônimo de M. Delly eram os autores mais conhecidos da coleção⁶. Apresentavam um enredo onde narravam à história das mocinhas exemplares, desde sua infância até o tão esperado casamento. A fórmula infalível dessas histórias, que serviram de inspiração para autoria de muitos outros romances sentimentais futuros, era a ilustração e idealização de um imaginário romântico do amor como um sentimento que prevalecia nas mulheres, com a descrição de

⁶ Entre os títulos dessa produção destaca-se: Magali, Freirinha, Mitsi e Meu vestido cor de rosa.



cenários luxuosos e personagens felizes, ricas e brancas.

Divulgava-se então para as leitoras dos referenciados romances, determinadas representações que direcionam a construção de uma sensibilidade feminina por meio de valores e formas de conduta. Esse imaginário feminino desenvolvido através dos romances desenvolve-se ao longo do século XX e repercute até os dias atuais. As representações construídas sobre o casamento nas histórias, por exemplo, é sempre colocada como o ápice na vida de uma mulher e o seu objetivo central. Como é destacado por Cunha (1998, p.3):

No plano das representações, o casamento era apresentado como a redenção da mulher, já que todos os romances terminavam com o encontro do herói com a mocinha. O estatuto de esposa estava assentado no adjetivo feliz. Os enredos introduziam tons e imagens de um convívio a dois ideal, repletos de relatos adocicados de uma vida conjugal de paz e tranquilidade.

Associando a imagem da mulher a natureza, as personagens possuem sua personalidade justificada pelas características físicas, ligadas a um padrão de beleza europeu: mulheres loiras, alvas puras e restritas ao lar. A forte importância que davam aos valores morais é demonstrada, por vezes, nas personagens que são colocadas dentro de um estereótipo de santificação, sentimentalismo e fragilidade.

Na sociedade burguesa, a busca pela moralidade, particularmente fundada na religião, centrava-se principalmente sobre papel da mulher. Partindo do lar, a mulher era responsável pela garantia da aprendizagem dessa moral fazendo com que a “alma da classe média” fosse formada tendo a mulher como figura central (SANTOS, 2004). Além disso, a natureza também era colocada como justificativa para a divisão de papéis entre homens e mulheres, como destaca a autora:

Convertendo a biologia e a anatomia “no destino”, os discursos da época afirmam que a natureza moral, mental e física do homem e da mulher decretam sua função social, definindo sobre onde devem estar e o que devem fazer na vida (SANTOS, 2004, p. 119).

Existe então uma naturalização da divisão sexual justificada por fatores biológicos, atribuindo a mulher exclusivamente a esfera privada e o cuidado com os filhos por meio da maternidade. Essas divisões são retratadas nos romances sentimentais, onde as heroínas são colocadas como sentimentalistas, sensíveis, românticas e sempre à espera do seu grande amor, enquanto a figura masculina cabe o racionalismo, a virilidade e a inteligência.

Esse fato pode ser percebido explicitamente na representação do casamento para as heroínas. Apesar de suas realizações profissionais, as mulheres descritas nesses romances não estão plenamente felizes sem o encontro do seu grande amor. Como é



destacado por Andrade (2008, p.13) na citação a seguir:

A descoberta do amor entre as personagens prepara a leitora para o recorrente final feliz. Enquanto a mulher não encontra o seu par ideal, ela é ainda um ser incompleto. Tudo o que foge a este formato tende à infelicidade, ao fracasso e ao desprezo social. O típico exemplo é o da mulher que não encontrou o seu grande amor e não se realizou pelo casamento. Sem o casamento a mulher da década de 40 e também da década de 80, não se reconhece como um ser autônomo e responsável por uma vida equilibrada e feliz.

A necessidade do casamento supõe que a mulher só pode atingir a sua completude ao encontrar o grande amor e tendo sua união sacramentada pelo casamento, ideal cerne do amor romântico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações que levam ao interesse na literatura de romances sentimentais são numerosas. O lazer, o interesse na história de amor, a busca por uma nova realidade, o fascínio por uma outra cultura, são alguns argumentos que prendem a atenção de leitoras e leitores adeptos do gênero literário romântico.

A leitura como construtora de representações sociais, se mostra como relevante objeto para a compreensão das representações de gênero e sua perpetuação. No grupo de leitura pesquisado, os romances sentimentais de época, em especial os da autora Julia Quinn, se apresentam como preferidos para as leitoras, por retratarem uma realidade distinta, com roupas elegantes e

formas de socialização próprias do período histórico, em especial, a relação afetiva entre homem e mulher.

Destarte, concordando que é possível extrair de uma realidade específica, a nível micro, valores e perspectivas universais, a pesquisa apresentada, ainda em andamento, propõe-se a entender as referidas representações de gênero – a partir do entendimento sobre amor, casamento e paixão nessas relações – partindo da literatura romântica e de suas leitoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. Quem lê tanto romance? As práticas de leitura dos livros do coração. In: **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2011, Recife - PE, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Recife - PE, 2011.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. Os romances sentimentais do século XX no Brasil. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2008, Natal - RN, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Natal - RN, 2008.

ARRUDA, Angela. **Teorias das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Mulheres e romances**: uma identidade radical. Cad. CEDES vol. 19 n. 45, ISSN 1678-7110, Campinas Julho 1998.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DEMO, Pedro. **Introdução a Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1990.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Revista Katál**. Florianópolis, n° esp., vol.10, p.37-45, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suley Ferreira. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOZZATO, Anelise. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados. In: **RAC**. Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, Jul./Ago. 2011.

OHARA, J.R.M. **A leitura além do texto**: as práticas de leitura como marca de distinção social. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos/anais/JoaoRMOhara.pdf>. Acesso em: 14/06/2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e comunicação**: o masculino e o feminino em programas populares de rádio. São Paulo: Annablume, 2004.